

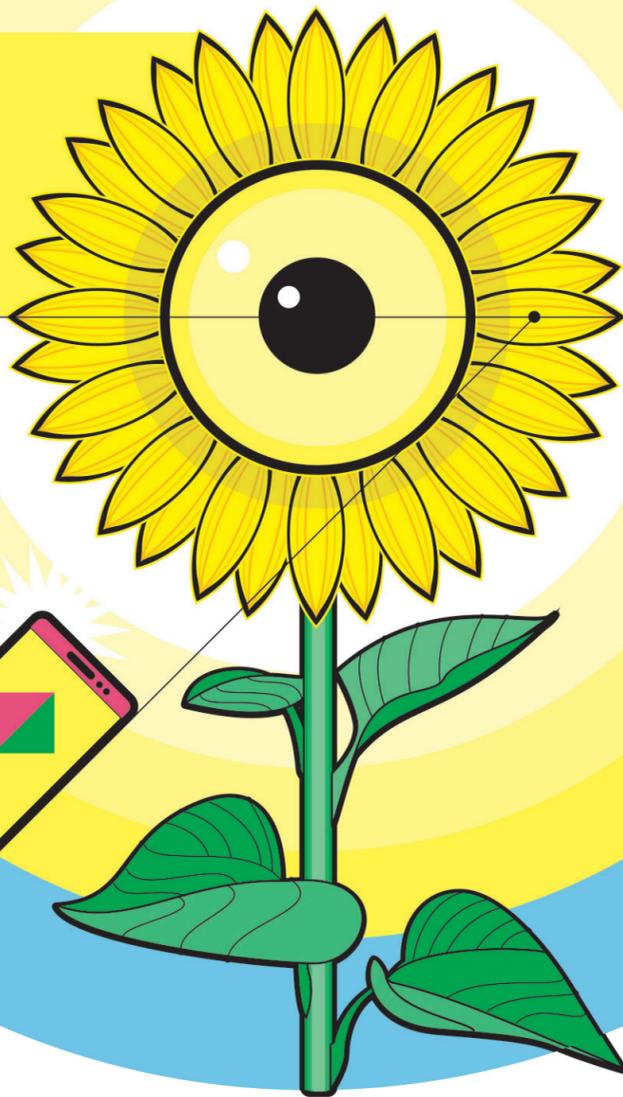
Um quintal para chamar de seu

“Viver num quintal é criar um cantinho no coração com histórias de vários mundos imaginários”



Texto:
Ana Carla Gomes
acarla@odia.com.br

Arte:
Kiko



Quem guarda um quintal no coração certamente tem uma imaginação rolando solta na lembrança. Através de vários relatos, descobri a infinidade de mundos de quem cresceu num espaço desses. “Um pequeno terreno que víamos enorme”, revela o primo de uma amiga sobre o quintal da família em Coroa Grande, na cidade de Itaguaí, no Rio, com direito a piscina de plástico, no tradicional estilo “sempre cabe mais um”.

Como dizer que não há verdade num porão transformado em castelo medieval na mente de quem viaja para bem longe dali? Ou nas histórias inventadas pela menina criativa que deixava a imaginação fluir diante de uma garça e alguns sapos de enfeite?

Quem ousa destruir a fantasia de uma criança que transformava em palácio o seu quintal de terra batida, tomando banho de mangueira e comendo uma fruta sentada no chão? Há como não amar o quintal de Barra Mansa em que o pai construiu uma casa de madeira, com camas para as bonecas? Em outra lembrança afetiva, está guardada a goiabeira da vizinha em Arraial do Cabo, na Região dos Lagos.

Quintal tem a ver com farra, como revelam as histórias da Zona Norte do Rio. Nas noites de verão escaldante do Andaraí, o chuveiro era a solução para quatro irmãos. Outro terreno em Ramos virou o palco da disputa de 13 primos pela piscina de 1.000 litros. Em Rocha Miranda, o “clubes do vovô” era a quadra de esportes da vizinhança.

Passar horas no quintal é vestir-se de novas roupas. É ser a cuidadora das papoulas e do pé de jasmim. É dar os primeiros passos como professora numa enorme mesa de madeira, ensinando a crianças do bairro. É se transformar na plantadora de girassóis. Ou no saltador de pipa de Bento Ribeiro até o sol se esconder.

Viver num quintal é criar um cantinho no coração com histórias de vários mundos imaginários. No meu, na Baixada Fluminense, eu me reencontrei na pandemia. Num dia, coloquei o celular no chão no modo temporizador com a câmera virada para mim. Em 10 segundos, lá estava o clique que jamais havia feito: eu, com o céu azul acima. Parecia flutuar na imensidão. Virou marca registrada, batizou o perfil onde divulgo meus textos (@cronicasdequintal), de onde colhi esses relatos. Que você também tenha um quintal para chamar de seu.

“Quem ousa destruir a fantasia de uma criança que transforma em palácio o seu quintal de terra batida, tomando banho de mangueira e comendo uma fruta sentada no chão?”

